

PROTESTANTE, ECUMÊNICA E INCLUSIVA: UMA IGREJA EM TRÊS DETERMINAÇÕES DISCURSIVAS

Dilermando Moraes Costa (UFRRJ e UERJ)

diler_costa@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo objetiva discutir a construção da imagem da Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro (ICM Rio) por meio da análise discursiva da seção “Quem Somos” da página oficial dessa comunidade de fé. Nossa investigação se centrou no estudo dos determinantes discursivos, bem como nas marcas linguísticas utilizadas no texto de apresentação do grupo, recorrendo à Análise de Discurso de base materialista (PÊCHEUX, 2014a; 2014b) como referencial teórico-metodológico. Na primeira parte deste trabalho, apresentamos nossa filiação teórica, assim como a noção de determinante discursivo (INDURSKY, 2013) adotada para este estudo. Em seguida, tecemos comentários sobre a emergência da Igreja da Comunidade Metropolitana, umas das mais conhecidas denominações inclusivas na defesa das diversidades sexual e de gênero no protestantismo. Por fim, apresentamos a análise relacionada, especificamente, à seção “Quem Somos”, da página oficial da ICM Rio, na qual há a apresentação do grupo como uma denominação protestante, ecumênica e inclusiva.

Palavras-chave:

Diversidades. Análise de Discurso. Igreja da Comunidade Metropolitana.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the construction of the image of the Metropolitan Community Church of Rio de Janeiro (MCC Rio) through the discursive analysis of the “Quem Somos” page of the official website of this community of faith. Our analysis will focus on the use of the discursive determinants as well as the linguistic marks used in the presentation text, using the Materialistic Discourse Analysis (PÊCHEUX, 2014a; 2014b) as the theoretical and methodological underpinning. In the first part of this paper, we present the theoretical framework together with the notion of discursive determination (INDURSKY, 2013) adopted for this study. Next, we comment on the emergence of the Metropolitan Community Church, one of the best known All-Inclusive Churches, which is a community of faith that defends sexual and gender diversity within protestantism. Finally, we present more specifically the analysis related to the “Quem Somos” page that presents MCC Rio as a protestant, ecumenic, and all-inclusive denomination.

Keywords:

Diversities. Discourse Analysis. Metropolitan Community Church.

1. Introdução

Este trabalho, filiado teórica e metodologicamente à Análise de Discurso de base materialista (AD), sobretudo às discussões propostas

pelo filósofo francês Michel Pêcheux (2014a; 2014b), objetiva discutir a construção da imagem da Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro (ICM Rio) por meio da análise discursiva da seção *Quem Somos* do site oficial dessa comunidade de fé.

A ICM Rio⁵⁰ é uma comunidade de fé que se autodefine pela utilização de três determinantes discursivos: protestante, ecumênica e inclusiva. Nossa análise se centrará no estudo dos determinantes discursivos, bem como nas marcas linguísticas utilizadas no texto de apresentação da ICM Rio. Por meio da observação da determinação discursiva, podemos depreender os efeitos de sentidos (Cf. PÊCHEUX, 2014a; 2014b) produzidos na construção da imagem da igreja.

Neste trabalho, partimos da compreensão de que não há sentido absoluto, verdadeiro e final, pois a língua(gem) é marcada pela incompletude e pela falta (Cf. ORLANDI, 2007a). Contudo, ao enunciar, assumimos a ilusão necessária de sentidos estabilizados quanto a certos referentes pela determinação discursiva (Cf. INDURSKY, 2013). Devido à compreensão de falta constitutiva da língua(gem), entendemos que há “em todo dizer uma parte inacessível ao próprio sujeito” (ORLANDI, 2007a, p. 63), o que lança luz quanto à relação entre língua, sujeito, ideologia e história.

Na primeira parte deste texto, teceremos algumas considerações sobre a AD (Cf. PÊCHEUX, 2014a; 2014b), assim como discutiremos a noção de determinação discursiva, conforme defendida por Indursky (2013). Em seguida, apresentaremos a emergência da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM): uma denominação inclusiva (Cf. ARNOLD, 2002; NATIVIDADE, 2010; MUSSKOPF, 2012), de origem estadunidense, que se constituiu no final da década de 1960, a partir da figura do Reverendo Troy Perry. Por fim, analisaremos, à luz da AD, a seção *Quem Somos* do site oficial da ICM Rio. Encerraremos este texto com as considerações finais.

2. *Considerações sobre a Análise de Discurso e a determinação discursiva*

A Análise de Discurso de base materialista (AD) se constituiu na França, no final da década de 1960, tendo como marco fundador a publicação da obra *Análise Automática do Discurso*, em 1969, do filósofo Mi-

⁵⁰ Disponível em: <http://www.icmrio.com/a-igreja/quem-somos/>. Acesso em: 29 mai. 2022.

chel Pêcheux. A proposta teórico-metodológica tinha como objetivo ir além da descrição do funcionamento interno da língua, pensada, então, como um sistema homogêneo de relações, para avançar à compreensão do discurso, ou seja, do processo de produção de efeitos de sentidos. Estes, por sua vez, só são possíveis quando observadas as condições de produção de um discurso (Cf. PÊCHEUX, 2014a), o que envolve língua, sujeito, ideologia e história.

A AD, portanto, considera que o discurso emerge por meio da relação constitutiva entre a língua e a exterioridade, observando também que ele sempre dialoga com outro dizer, “frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele ‘orquestra’ os termos principais ou anula os argumentos” (PÊCHEUX, 2014a, p. 76). Os discursos podem ser mais bem entendidos quando consideramos os pilares da AD, a saber: a Linguística, que lhe fornece reflexões sobre a enunciação e a sintaxe; o Materialismo histórico, que contribui para compreensão das formações sociais e de como elas se (trans)formam diante da atuação da ideologia; e a Teoria psicanalítica, que lhe propicia uma compreensão acerca do sujeito afetado pelo inconsciente (Cf. PÊCHEUX, 2014a).

A articulação entre essas três grandes áreas teóricas contribuiu para o desenvolvimento da teoria do discurso ao provocar alguns deslocamentos: observamos o funcionamento da língua, por exemplo, não em busca de uma homogeneidade interna, mas objetivando compreender como ela responde às coerções da ideologia, ou seja, como materializa a “relação imaginária que liga os sujeitos a suas condições materiais de existência” (ORLANDI, 2017, p. 206). Para a AD, a ideologia atua na História determinando os sujeitos, naturalizando certos sentidos em detrimento de outros. O sujeito, por sua vez, vivencia a ilusão de ser a fonte de seu dizer; contudo, se encontra dividido entre o consciente e o inconsciente, assim como envolvido em um processo de identificação com a ideologia que o assujeita quanto à interpretação da realidade e às formas de agir no mundo (Cf. PÊCHEUX, 2014b).

Diante disso, Orlandi (1987a, p. 11) reforça que a AD “procura restituir à reflexão sobre a linguagem a complexidade que pode advir de uma observação em que não se excluem a sua materialidade histórica, o funcionamento da ideologia e a política de significar”; em outros termos, compreendemos que os sentidos não emergem apenas da relação entre significantes em um enunciado, mas por meio de um processo complexo que precisa ser analisado em sua trama constitutiva: entre língua, sujeito, ideologia e história, em que as imagens são construídas a partir de proje-

ções e de antecipações (Cf. PÊCHEUX, 2014a), como veremos mais à frente.

A ideologia possui papel considerável nesta teoria do discurso por determinar a forma como os sujeitos interpretam a realidade e, a partir dela, produzem os discursos. Isso corrobora com a consideração de que a língua é afetada pela exterioridade e não pode ser considerada apenas em seu funcionamento interno (Cf. PÊCHEUX, 2014a).

Nessa perspectiva teórica, uma possibilidade de análise proposta pela AD se apoia na observação da chamada determinação discursiva, conforme defendida por Indursky (2013). Esse processo consiste em analisar a forma como um significante é saturado no fio de discurso, apontando para um posicionamento ideológico que regula esse dizer. Dito de outro modo, a determinação discursiva objetiva restringir a extensão de um significante/nome, imerso em um universo de possibilidades combinatorias, na tentativa de estabilizar/especificar certo efeito de sentido.

Segundo Indursky (2013), a noção de determinação discursiva se afasta de compreensões estritamente gramaticais e/ou linguísticas ao considerar o adjetivo, o sintagma preposicional e a oração adjetiva como participantes do processo de determinação discursiva, no qual há a intervenção do ideológico, como já pontuamos. Para a pesquisadora, “*a determinação discursiva qualifica a expressão a ocupar um lugar em um discurso específico*” (INDURSKY, 2013, p. 218 – destaques no original), o que só é possível pela relação de assujeitamento inconsciente do sujeito, uma vez que “*a determinação discursiva é ideológica e não estilística*” (INDURSKY, 2013, p. 216-17, destaques no original).

Observar a determinação discursiva, portanto, aponta para a análise da produção de um efeito de coerência no fio do discurso, o que põe em relação aquilo que foi selecionado e aquilo que foi rejeitado pelo sujeito na produção de seu dizer. Ao se acreditar na fonte do discurso, o sujeito se percebe ilusoriamente como completo, como origem do sentido, mas, como vimos, responde à identificação ideológica sem perceber o seu assujeitamento (Cf. PÊCHEUX, 2014b). A isso, Orlandi (2007b) acrescenta:

Sem deixar de lembrar que a evidência da existência espontânea do sujeito (como origem ou causa de si) é aproximada de outra evidência, que é a evidência do sentido (a ilusão da literalidade: o sentido só pode ser esse, já-lá). (ORLANDI, 2007b, *on-line*)

O efeito de coerência, ao qual nos referimos anteriormente, também pode apresentar falhas e equívocos no ritual de assujeitamento. Uma

vez que o sujeito é dividido, o inconsciente deixa suas impressões no discurso à revelia do sujeito. Diante disso, compreendemos que, no processo de produção e de reprodução de sentidos, novas filiações ideológicas podem emergir, pois a determinação ideológica também está sujeita a falhas, a fissuras e a desidentificações (Cf. PÊCHEUX, 2014b). Ademais, segundo Orlandi (2007b, *on-line*), “a língua não funciona fechada sobre ela mesma, ela abre para o equívoco” e, devido a isso, os sentidos também estão abertos à polissemia. Assim, a análise dos determinantes discursivos permite observar também onde a língua falha, especialmente por reconhecermos que, no fio do discurso, sempre há espaço para a incompletude.

Abaixo, apresentaremos a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), que é uma denominação inclusiva oriunda dos Estados Unidos, para, em seguida, prosseguirmos para a análise da seção “Quem Somos” da ICM Rio, igreja vinculada ao grupo estadunidense e situada no Rio de Janeiro-RJ.

3. Considerações sobre a emergência da Igreja da Comunidade Metropolitana

As chamadas igrejas inclusivas sinalizam um movimento de inclusão das diversidades sexual e de gênero no protestantismo, rompendo com um posicionamento hegemônico, nas religiões de orientação cristã (católica, protestante e afins), as quais consideram essas diversidades como práticas antinaturais e/ou abomináveis, passíveis de cura e de libertação pela conversão e obediência religiosas.

Alinhados a Natividade (2010, p. 91), entendemos que as igrejas inclusivas nos remetem a dois pontos: “ao crescente reconhecimento e à progressiva legitimação das ditas ‘minorias sexuais’ na esfera pública” e ao fato de o protestantismo ser um “segmento do cristianismo afeito às mudanças e consciente das dinâmicas de transformações socioculturais mais amplas”. Isto é, não se trata de um movimento religioso que emerge no vácuo, mas, sim, que encontra na história elementos favoráveis para sua constituição, especialmente se considerarmos as lutas históricas em que a comunidade LGBTQIA+ tem se engajado.

D’Emilio (2007) explica que, na segunda metade do século XIX, a expansão capitalista permitiu a atividade assalariada e isso transferiu o paradigma produtivo da unidade familiar para a venda da força de trabalho individual. Devido a isso, os sujeitos que sentiam atração pelo mes-

mo sexo encontraram brechas para vivenciar seus desejos graças à conjuntura social que se consolidava em torno da economia. Além disso, segundo D’Emilio (2007), essa configuração abriu caminhos para o que o autor chama de estilo de vida gay, bem como para discussões sobre a sexualidade humana em diversos espaços sociais.

Contudo, essas mudanças não ocorreram repentinamente, mas se desenvolveram como um movimento construído pelas margens, pois as relações íntimas entre sujeitos do mesmo sexo ainda eram consideradas como algo da esfera privada, não garantindo reconhecimento dessas outras identidades nem de seus direitos. Ao longo do tempo, outros duros entraves surgiram, como a própria repressão policial nos EUA e a perseguição nazista na Alemanha (Cf. BULLOUGH, 2002), por exemplo. Muitas das perseguições aos sujeitos que hoje chamamos de LGBTQIA+ ocorreram com base no imaginário religioso de orientação cristã, uma vez que “o medo às vezes pueril que a homossexualidade suscita resulta da formação cultural do Ocidente judaico-cristão” (BORRILLO, 2009, p. 21).

Ainda hoje, os embates entre as religiões de orientação cristã e as diversidades sexual e de gênero são muito recorrentes. Não é incomum encontrarmos manifestações de religiosos em programas de TV, de rádio e nas redes sociais condenando práticas e identidades não heterossexuais, o que sinaliza a capacidade de determinação ideológica que o cristianismo ainda exerce atualmente. Quanto a isso, “não é nem necessário dizer que não se trata de força ou coerção física, pois a ideologia determina o espaço de sua racionalidade pela linguagem” (ORLANDI, 1987b, p. 242); e, para o cristianismo, a base para condenar as diversidades se encontraria, supostamente, em uma interpretação da literatura bíblica pautada na norma heterossexual, como abordaremos mais adiante.

Bullough (2002) e Borrillo (2010) explicam que a institucionalização do cristianismo enquanto religião oficial, o que ocorreu no século IV, resultou na estigmatização e na proibição de práticas sexuais entre sujeitos do mesmo sexo, colocando-os à margem da sociedade; todavia, e contraditoriamente, sem conseguir eliminá-las. Para Bullough (2002), apesar das diferentes tentativas de repressão sexual, as práticas proibidas pelo cristianismo cresceram de forma clandestina em diferentes momentos da história. Musskopf (2012), por sua vez, acrescenta que, durante o Brasil colônia, muitos portugueses se renderam aos desejos homoeróticos na nova terra apesar da proibição religiosa que se fazia hegemônica através do catolicismo.

Tradicionalmente, ao longo da história ocidental, o posicionamento de muitos grupos cristãos contrários às diversidades sexual e de gênero se apoiou em uma leitura bíblica que assume (e que impõe) a heterossexualidade como padrão natural e aceitável de expressão da sexualidade humana (Cf. VIDAL, 2008; BORRILLO, 2010; SALZMAN; LAWLER, 2012). Para Lima (2021),

[...] no mundo religioso cristão, muitas vezes se fazem citações descontextualizadas da Bíblia ou simplificações indevidas da doutrina, com extrema rigidez e forte ímpeto condenatório dirigidos aos LGBT+. Algumas vezes, elas e eles são submetidos a oração de “cura e libertação” para mudarem sua condição ou identidade. (LIMA, 2021, p. 15)

Além das mencionadas práticas de cura e de libertação, frequentemente associadas a desvios sexuais, diferentes grupos religiosos cristãos também defendem o gênero como expressão imediata da constituição biológica do ser, ou seja, como inseparável do órgão sexual, não considerando a existência plural de identidades. Ademais, a possibilidade de procriação, historicamente, também esteve na base da defesa de discursos sobre a naturalidade/normalidade das relações heterossexuais, reduzindo a ato sexual à geração de filhos (Cf. BORRILLO, 2010) e condenando relações ditas inférteis (Cf. MUSSKOPF, 2012).

Tais posicionamentos nos remetem a uma “lógica heteronormativa e essencialista” (BORBA, 2016, p. 16), cuja compreensão de identidade e de sexualidade humanas ainda é utilizada para discriminação de sujeitos que não se encaixam nos padrões sexuais cristãos de ser, pois, segundo Borrillo (2010, p. 43), “os elementos precursores de uma hostilidade contra lésbicas e gays emanam da tradição judaico-cristã”. Natividade e Oliveira (2009) pontuam que

[...] ao apresentarem o *homossexualismo* como prática contingente e moralmente condenável, os discursos sustentados por segmentos religiosos conservadores mais radicais subtraem a legitimidade às identidades LGBT e às reivindicações por cidadania correlatas. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 130) (destaque no original)

Na contramão de práticas discursivas contrárias às diversidades estão as chamadas igrejas inclusivas, como já adiantado. A Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), umas das denominações inclusivas mais conhecidas, foi fundada em 1968, nos Estados Unidos, pelo Reverendo Troy Perry, pastor declaradamente homossexual, que, anteriormente, havia sido desligado de duas igrejas protestantes devido à sua sexualidade (Cf. ARNOLD, 2002). Perry se envolveu com a religião desde muito cedo, tornando-se, aos quinze anos, um divulgador da expressão de fé

cristã. Ele experimentou, ainda na juventude, duas tradições cristãs na sua jornada de fé: a Batista e a Pentecostal, que contribuíram com sua formação religiosa, segundo expõe Arnold (2002).

Arnold (2002) também acrescenta que Troy Perry teve uma infância difícil, enfrentando algumas dificuldades familiares. Casou-se com a filha de um pastor e, por não conseguir eliminar as tendências homossexuais, teria sido desligado de uma igreja heterocêntrica. Após isso, ele teria se filiado a outra denominação, mas, novamente, foi desligado devido à sexualidade. Após uma série de eventos pessoais complicados, como um divórcio, uma tentativa de suicídio, bem como grande hostilidade da sociedade estadunidense contra gays e lésbicas, Troy Perry decidiu se reconciliar com a fé, mas, desta vez, sem renegar sua orientação sexual.

Nos Estados Unidos, na primeira metade do século XX, eram recorrentes movimentos de repressão a práticas não heterossexuais. Bulough (2002), por exemplo, comenta acerca da ocorrência de uma censura não oficial quanto a certas palavras, como gay e homossexual, no país. Além disso, o autor explica que, na década de 1940, nos EUA, suspeitos de práticas homossexuais eram monitorados e havia grande repressão a esses grupos, os quais eram forçados a se reunirem em bares ou em espaços específicos (e marginais).

Arnold (2002) acrescenta que, em 1968, Troy Perry estava em um bar gay quando a polícia invadiu o espaço e deteve o homem que o acompanhava. Perry levou horas para conseguir liberar o rapaz, que havia sido duramente humilhado por sua orientação sexual. Após esse episódio, Perry considerou a abertura de uma igreja que integrasse sujeitos marginalizados à fé cristã e que contribuísse com as lutas dessa comunidade de dissidentes sexuais rumo ao respeito e ao direito de existir, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero.

A ICM nasceu na sala da residência de Reverendo, com a presença de poucos participantes na ocasião. No site oficial⁵¹ do grupo, a denominação se apresenta como a primeira igreja inclusiva, assumindo protagonismo na empreitada pela conciliação entre as diversidades e a fé protestante. Posteriormente, após o crescimento da denominação, ela se tornou a primeira organização gay a possuir uma propriedade nos Estados Unidos (Cf. ARNOLD, 2002) e isso se tornou bastante emblemático devido à hostilidade da conjuntura social. Em meio a inúmeros desafios,

⁵¹ Site oficial da Igreja da Comunidade Metropolitana. Disponível em: <https://www.mccchurch.org/overview/history-of-mcc/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

como ataques contra os templos da igreja, agressão e perseguição a seus líderes, a ICM conseguiu chegar a outros países. Para Musskopf (2012),

A Metropolitan Community Churches tem uma história de presença na América Latina de mais de 25 anos. Embora seus ministérios no continente tenham assumido características distintas e particulares em cada lugar e período em que surgem, devido a diferenças culturais, mas também à tradição religiosa de origem de suas lideranças, percebe-se o desenvolvimento de uma identidade mais clara e definida nos últimos anos. (MUSSKOPF, 2012, p. 275) (destaque no original)

Com efeito, a ICM é um nome recorrente quando se discute a emergência das igrejas inclusivas (Cf. NATIVIDADE, 2010; MUSSKOPF, 2012), mas é importante pontuar que também houve outras iniciativas de aproximação das diversidades sexual e de gênero do protestantismo por outros grupos cristãos, como na Argentina, no Brasil e no Chile, por exemplo, as quais não estavam relacionadas à ICM (Cf. MUSSKOPF, 2012).

No Brasil, a ICM foi inaugurada, oficialmente, no início dos anos 2000, no Rio de Janeiro. Atualmente, essa igreja apresenta templos em outros estados da federação brasileira, como em São Paulo, no Espírito Santo, na Bahia, em Minas Gerais, no Ceará etc., destacando-se como um grupo que defende os interesses e as necessidades da comunidade LGBTQIA+ e que atua em prol dos direitos humanos.

A seguir, apresentaremos a análise discursiva da seção “Quem Somos”, da página oficial da ICM Rio.

4. Análise discursiva da seção “Quem Somos”, da ICM Rio

Na primeira parte deste trabalho, apresentamos nossa filiação teórica à Análise de Discurso, que se debruça sobre as relações entre língua, sujeito, ideologia e história na produção de efeitos de sentidos. Vimos, também, a noção de determinação discursiva, a qual se torna bastante fulcral às análises que faremos agora.

Ao refletirmos acerca de uma corporação, muitas vezes nos deparamos com o apagamento da instância (ou da posição de autor (Cf. ORLANDI, 2007a) que construiu a imagem do grupo (foi alguém da liderança? Um conselho deliberativo? Uma agência publicitária contratada? etc.). Nas palavras de Orlandi (2007a, p. 69), desconhecemos o sujeito “responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto”, sendo que esse apagamento também significa, pois provoca um efeito de auto-

nomia desse “objeto imaginário (a saber, o ponto de vista do sujeito)” (PÊCHEUX, 2014a, p. 83), como se o grupo existisse de forma independente e autossuficiente; como se existisse isento das coerções ideológicas que o determinam.

Mais especificamente quanto às organizações religiosas, essa suposta autonomia reafirma o efeito de independência, mas assinala que essa liberdade excede o plano humano ao materializar a voz da divindade, uma vez que, “como é a voz de Deus que fala em seu representante, faz também parte da propriedade desse discurso o fato de que não há autonomia desse representante em relação a Sua voz” (ORLANDI, 1987b, p. 236). Diante disso, compreendemos que, na construção da imagem da ICM Rio, existe uma sustentação ideológica que *fala* através dos sujeitos e que instaura o permitido e o rejeitado na construção textual.

Na análise da seção “Quem Somos”, da página da ICM Rio, nos debruçamos no estudo dos determinantes discursivos *protestante, ecumênica e inclusiva*, bem como nas marcas linguísticas utilizadas no texto sobre o grupo. Para tanto, inicialmente, duas perguntas foram postas: “Como os determinantes discursivos constituem a imagem do significante igreja?” e “Como os determinantes discursivos produzem o efeito de coerência na seção analisada?”.

A seção “Quem Somos” é a primeira de cinco subdivisões relacionadas ao tópico *Igreja*, no *site* do grupo, e aponta para uma ideia coletiva (“Quem [nós] somos”), de comunidade, além de tentar definir, de forma didática, três determinantes discursivos relacionados à ICM Rio: *protestante, ecumênica e inclusiva*, como antecipado. É importante explicitar que, na página oficial do grupo, há outros três determinantes discursivos ao lado da logomarca da igreja (*vibrante, inclusiva e progressista*), mas apenas o *inclusiva* é definido na seção “Quem Somos” e os demais não são trabalhados no texto de apresentação.

Ademais, cabe o comentário de que a história da ICM Rio é apresentada em outra seção, a “Nossa História”, abaixo de “Quem Somos”, de “Onde Estamos” e de “Liderança”. A disposição de “Quem Somos” coloca a imagem da igreja em destaque frente a outras subdivisões do tópico *Igreja*, antecipando desde “um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como um adversário absoluto” (ORLANDI, 2015, p. 37), para os quais é preciso se apresentar com propriedade, uma vez que, segundo Orlandi (1987b, p. 250), “para os que crêem [sic], o discurso religioso é uma promessa, para os que não crêem é uma ameaça”.

“Quem Somos” é seguida pelo enunciado “A ICM Rio é uma igreja protestante, ecumênica e inclusiva” e podemos observar que os determinantes discursivos, linearizados no predicativo do sujeito, produzem um efeito de estabilidade, objetivando a construção de uma imagem fixa do grupo (Cf. ORLANDI, 1987a); ou seja, eles delimitam a extensão da proposta da igreja e a especificam, o que é característico no processo de determinação discursiva (Cf. INDURSKY, 2013). O texto segue com a pergunta “O que isso significa?”, a qual produz um efeito de sentido didático devido a seu traço retórico (Cf. PÊCHEUX, 2014a), cujo objetivo é levar os sujeitos à reflexão sobre a ICM Rio. Após esta descrição da seção “Quem Somos”, a analisaremos com maior profundidade a seguir.

O primeiro determinante discursivo a ser definido na seção em pauta é *protestante*:

Ser protestante é se inspirar na Reforma iniciada por Martin Lutero, no século 16, cujos pilares são a doutrina da Salvação pela Graça Somente, e o Sacerdócio Universal de todos os crentes. É também ter em João Calvino, outro reformador da Igreja do século 16, e um dos maiores teólogos protestantes desta instituição, os referenciais da fé, em especial a doutrina da Graça Divina, através da qual Deus, em sua infinita soberania, escolhe os seus filhos e as suas filhas para a Salvação Eterna, gratuitamente. (ICM Rio, *on-line*).

Chamamos a atenção às referências diretas do texto à Reforma Protestante e às figuras de Martinho Lutero e de João Calvino. Esse recurso à História e à Teologia produz um efeito de sentido de filiação ao movimento dissidente do século XVI e, conseqüentemente, de continuidade ao trabalho iniciado pelos reformadores; ou seja, a Reforma buscava “um retorno às origens históricas do cristianismo” (PASSOS, 2005, p. 31) e o trabalho da ICM Rio parece seguir no mesmo propósito: o de retornar à unidade da igreja primitiva. Com base nisso, entendemos que uma das reformas propostas pela ICM Rio está na ruptura com um sistema religioso que oprime sujeitos não heterossexuais com o propósito de incluí-los a uma comunidade de fé.

A construção da imagem da igreja antecipa um público que conheça as origens do protestantismo, os quais poderão compreender as alusões feitas no texto aos sintagmas nominais *Sacerdócio Universal*, *Graça Divina*, *Salvação Eterna*, que são grafados com iniciais maiúsculas para destaque como termos-chave do grupo, que também apresentam, de forma indireta, as crenças da ICM Rio.

Todavia, esta parte do texto é construída em terceira pessoa do singular (“a ICM Rio é”), apresentando um descompasso com a proposta

textual de “Quem (nós) somos”. Isto é, na definição do determinante discursivo *protestante*, há um certo distanciamento: de uma organização social para uma igreja ideal; de uma realidade física do “Quem (nós) somos”. para um objeto imaginário “a ICM Rio é”.

O segundo determinante discursivo presente no texto da ICM Rio é *inclusivo*. A apresentação dos determinantes não segue a ordem estabelecida no enunciado “A ICM Rio é uma igreja protestante, ecumênica e inclusiva”, em que *ecumênica* deveria ser o segundo. Essa falha na ordem reforça a noção de que a língua também está sujeita a equívocos. Sigamos ao recorte abaixo:

Ser inclusivo é prosseguir com a missão profética iniciada pelo Rev. Troy Perry, primeiro pastor assumidamente gay do mundo, e fundador da primeira igreja direcionada para a pregação do Evangelho para a comunidade LGBT. A Inclusão significa compreender a mensagem de Jesus Cristo de maneira não-fundamentalista, abrindo-se aos estudos e aos conhecimentos sobre a diversidade sexual e de gênero. Significa, também, ir além da missão de tocar os corações das pessoas LGBT, mas de toda pessoa que sofre neste mundo o peso da dor, do sofrimento e da injustiça. Por isso, a ICM é conhecida e reconhecida mundialmente como a Igreja dos Direitos Humanos, pois, conforme professamos em nosso Credo Inclusivo, “creio que só existe um direito igual para todos os seres humanos, e que eu não sou livre enquanto uma pessoa permanecer escrava”. (ICM Rio, *on-line*).

Novamente, o texto apresenta um efeito de sentido de filiação, mas, desta vez, ao ministério do Rev. Troy Perry, cujo trabalho é referenciado como “missão profética”: com efeitos capazes de transformação histórica e espiritual. A sexualidade do fundador, mencionada em forma de aposto, e a menção à comunidade LGBT(QIA+) retomam e reforçam a proposta inicial da igreja. Todavia, mais à frente, o texto apresenta a ICM Rio como uma igreja aberta a todos os que sofrem. Os substantivos *dor*, *sofrimento* e *injustiça* são apresentados como emergentes do processo de exclusão. O determinante *inclusivo* se opõe a *não fundamentalista*, o que aponta para práticas de leitura da mensagem bíblica que excedem o texto pelo texto, e que estão alinhadas aos estudos sobre diversidades. Há um pré-construído de que há grupos que se ancoram em leituras fundamentalistas, os quais estariam em oposição às práticas da ICM Rio. Portanto, ser *inclusiva* é considerar saberes que, muitas vezes, estão à margem dos debates sobre fé e sexualidade em outros grupos religiosos.

Ao se apresentar como “conhecida e reconhecida mundialmente como a Igreja dos Direitos Humanos”, o grupo produz um efeito de sentido de posicionamento político em defesa da dignidade humana. No en-

tanto, ocorre uma ambiguidade: “Seria a ICM Rio uma igreja que pertence ao que parece ser um grupo dos direitos humanos? ou A ICM Rio é uma igreja que apoia/defende os direitos humanos?”. Há, também, o apagamento quanto às origens e aos fundamentos dessa relação: “Quem a (re)conhece assim? Qual a importância desse reconhecimento para a igreja? Qual o posicionamento de outras igrejas protestantes quanto aos direitos humanos?”. Essa incompletude também significa, mas pela ilusão de transparência que constitui os sentidos sobre o grupo.

A citação do credo da ICM, em referência aos direitos humanos, reafirma o engajamento político, por buscar igualdade entre os sujeitos, mas não há explicações sobre como isso é conduzido. E esse outro apagamento também significa, pois antecipa a naturalização ideológica dos sentidos, os quais podem ser restabelecidos quando pensamos na identificação ideológica da igreja. Pontuamos que apenas ao mencionar o credo há a retomada do discurso em primeira pessoa do plural (*professamos*), enquanto os outros enunciados desse bloco são mantidos na terceira pessoa singular. Essa alternância produz um movimento de aproximação e de distanciamento entre a organização social e a igreja ideal.

O terceiro determinante discursivo apresentado é *ecumênica*:

Somos também uma igreja ecumênica. Isto significa que temos prazer em partilhar e aprender com outras igrejas cristãs, como a Igreja Ortodoxa, a Igreja Católica Apostólica Romana, a Igreja Anglicana, as igrejas evangélicas, entre outras. A origem da palavra “ecumenismo” (em grego, *oikoumene*) reporta à ideia de vivermos na mesma “casa”, agregarmos a diversidade dentro de uma unidade, que cremos ser a unidade cristã. Contudo, isto não pode significar para nós, cristãs e cristãos inclusiv@s, no geral, e para a ICM, em particular, combater ou perseguir irmãs e irmãos de outras fés que não sejam a fé cristã. Nós defendemos o diálogo interreligioso e o profundo respeito entre todas as religiões. Cremos que podemos aprender com a fé daquele/daquela que tem sua matriz diferente da nossa referência cristã. Acreditamos que irmãs e irmãos budistas, candomblecistas, kardecistas, hinduístas, umbandistas, wiccans, e quaisquer outras vertentes religiosas, podem contribuir para a construção de um mundo de paz. (ICM Rio, *on-line*).

Nesta parte do texto, diferentemente das anteriores, o discurso é assumido na primeira pessoa do plural, instituindo a voz organizacional e coletiva da ICM Rio. Ao longo da terceira parte, a marca do plural aponta tanto para o pertencimento ao grupo quanto à ação coletiva que o constitui (*somos, temos, vivermos, agregarmos, para nós, defendemos* etc.). A inscrição do sujeito plural das orações permeia toda esta parte do texto, produzindo o efeito de sentido de assunção do discurso.

Ao se considerar ecumênica, duas estratégias discursivas podem ser identificadas: primeiramente, o texto elenca o nome de grupos também cristãos, produzindo um efeito de sentido de reconhecimento quanto à importância destes, o que resultaria no ecumenismo. Observamos, no texto, uma referência à língua grega quanto ao significante *ecumenismo*, o que objetiva estabilizar o sentido da palavra, reforçando a proposta da igreja de partilhar e de aprender sob uma mesma morada religiosa.

Como um desdobramento do estágio ecumênico, o texto avança para a segunda estratégia: a de diálogo entre diferentes religiões. A ICM Rio não apenas defende o respeito a outras crenças, mas o respeito *entre* as religiões, e isso demarca um espaço de igualdade. De forma similar, há a exemplificação de alguns grupos de orientação não cristã que podem agregar valores e saberes à fé praticada na ICM Rio. Logo, o sentido do determinante discursivo *ecumênico* é ampliado ao longo do texto, o que reforça a compreensão da AD de que a relação entre significante e significado não é de correspondência fixa (Cf. PÊCHEUX, 2014a).

Ainda ao citar outras religiões, a ICM Rio salienta que, apesar de possíveis discordâncias, o grupo está aberto a *partilhar* e a *aprender*. Os dois verbos, *partilhar* e *aprender*, produzem um efeito de sentido de aproximação e de reciprocidade, explicitando que essa comunidade de fé reconhece a importância da diferença. Destacamos que a ICM Rio chama de irmãs e de irmãos a todos os sujeitos, inclusive os que não professam a fé cristã. Essas informações pressupõem um público que compreenda e que respeite as diversidades religiosas, assim como esteja aberto a outras expressões de fé. A ICM Rio propõe, então, a cultura da paz entre as religiões, o que tensiona a natureza excludente de muitos grupos protestantes na contemporaneidade.

Destacamos que a marca gramatical de gênero é perceptível na terceira parte da seção “Quem somos”: há referências ao masculino e ao feminino (*crístãs* e *crístãos*; *irmãs* e *irmãos*; *daquele* e *daquela*), o que também se configura como uma preocupação de igualdade entre os gêneros. Em diferentes momentos, observamos que a construção da imagem do grupo procura apresentar e reconhecer a diferença, a qual é encarada de forma positiva.

Nossa análise sustenta que a imagem da ICM Rio é constituída pela mobilização de determinantes discursivos que sinalizam a relação da igreja, enquanto comunidade de fé, com a sociedade, como instância que borra as fronteiras interior e exterior. Ao mesmo tempo em que há referências a questões religiosas (*salvação*, *doutrina*, *mensagem*, *credo* etc.),

o que corrobora com a projeção da imagem relacionada a uma igreja, ocorrem também referências às demandas contemporâneas (luta pela inclusão, crítica ao fundamentalismo, defesa aos direitos humanos, proposta de diálogo inter-religioso etc.), o que lança luz para o reconhecimento de questões sociais.

A coerência entre os determinantes discursivos assinala algumas necessidades contemporâneas: de reforma (social e religiosa), de inclusão (de sujeitos marginalizados nos grupos religiosos e na vida em sociedade) e de ecumenismo (ações de respeito entre posicionamentos religiosos diferentes). A imagem da ICM Rio apresenta seus fundamentos em oposição às tensões atuais e se abre às diversidades. Não se trata de um grupo religioso que busca se apartar do mundo, mas daquele que reconhece seu fundamento ao se posicionar contrário às discriminações. Também não é um grupo que defende a assimilação do diferente, mas que se propõe a lutar em prol da legitimação da diversidade.

5. Considerações finais

A emergência das igrejas inclusivas, embora pareça um fenômeno recente no Brasil, já ocorre há algumas décadas no exterior. A inclusão de sujeitos que não se identificam ou que não seguem as normas heterossexuais em comunidades de fé de orientação cristã aponta para um movimento social que reconhece as diversidades sexual e de gênero como constitutivas do sujeito e que, portanto, não seriam incompatíveis com a filiação religiosa.

Neste trabalho, vimos que o protestantismo considera a heterossexualidade como única norma sexual a ser seguida por todos os humanos, o que reflete tanto na vida privada dos sujeitos, quanto na (con)vivência em sociedade. Apesar de o sistema capitalista ensejar a liberdade individual pela venda da força de trabalho, sujeitos que não se identificam com a norma heterossexual ainda são marginalizados e tem seus direitos negligenciados. Ou seja, ainda hoje, há ecos de preconceito tanto por resquícios de uma leitura cristã que desconsidera outras variáveis relacionadas ao gênero e à sexualidade, quanto por legados de sociedades patriarcais. Com efeito, esses dois pontos, a interpretação monossêmica da bíblia e o patriarcado, estão inter-relacionados no imaginário sobre as igrejas cristãs.

Ao longo deste texto, vimos que a ICM Rio se apresenta como uma igreja *protestante, ecumênica e inclusiva*, o que assinala a relação

do grupo com demandas sociais contemporâneas. Os fundamentos dessa igreja, materializados no uso dos determinantes citados, desafiam uma religiosidade fechada em si mesma, pois assinala que os sujeitos se constituem nos movimentos da história, em resposta e em resistência aos desafios da vida. Diante do exposto, esperamos que este trabalho contribua para aprofundar as reflexões relacionadas às diversidades sexual e de gênero e o protestantismo, assim como consiga fortalecer a aproximação entre os estudos da linguagem, os estudos de gênero e os estudos teológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNOLD, L. Troy Perry (1940), In: BULLOUGH, V.L. (Org.). *Before Stonewall: Activists for Gay and Lesbian Rights in Historical Context*. London; New York: Routledge, 2002. p. 393-8

BORBA, R. *O (Des)Aprendizado de Si: transexualidades, interação e cuidado em saúde*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016.

BORRILLO, D. Homofobia. In: LIONÇO, T; DINIZ, D. (Orgs). *Homofobia e Educação: Um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres – UNB; 2009. p. 15-46

BORRILLO, D. *História e crítica de um preconceito*. São Paulo: Autêntica, 2010.

BULLOUGH, V. L. (Org.). *Before Stonewall: Activists for Gay and Lesbian Rights in Historical Context*. London; New York: Routledge, 2002.

D'EMILIO, J. Capitalism and gay identity. In: PARKER, R.; AGGLETON, P. (Orgs). *Sexuality, culture and health*. 2. ed. London; New York: Routledge, 2007. p. 250-8

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. 2. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2013.

LIMA, L. C. *Teologia e os LGBT+: perspectiva, história e desafios contemporâneos*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

MUSSKOPF, A. S. *Via(da)gens teológicas – Itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2012.

NATIVIDADE, M.; OLIVEIRA, L. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, n. 2, p. 121-61, 2009.

NATIVIDADE, M. Uma homossexualidade santificada?: Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião & Sociedade*, v. 30, p. 90-121, 2010.

ORLANDI, E. Os falsos da forma. In: _____. *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes, 1987a. p. 11-28

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 1987b.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas-SP: Pontes; 2007a.

_____. A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. In: *Dossiê ComCiência 89*. Campinas: SBPC/LABJor, 2007b. Disponível em: http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?sec_tion=8&edicao=26&id=296. Acesso em: 28 abr. 2022.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12 ed. Campinas: Pontes, 2015.

_____. A ordem da língua e a dêixis discursiva uma crítica ao linguisticamente correto. In: _____. *Eu, tu, ele: discurso e real da história*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2017. p. 237-59

PASSOS, J. D. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014a. p. 59-158

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas-SP: UNICAMP, 2014b.

SALZMAN, T.; LAWLER, M. *A pessoa sexual – Por uma antropologia católica renovada*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

VIDAL, M. *Sexualidade e condição homossexual na moral cristã*. Aparecida: Santuário, 2008.